

Uma concepção hermenêutica de Filosofia: pensar com o *Sofista* de Platão e a *Metafísica* de Aristóteles

Viviane Magalhães Pereira¹

Resumo: Quem trabalha com Filosofia em algum momento se deparou com a dificuldade de defini-la. Mesmo ante as indicações daqueles elementos que caracterizariam a unidade da Filosofia, vemos que a nossa concepção pormenorizada do que ela seja depende da teoria filosófica na qual apoiamos nossas teses. Para defender isso, utilizaremos neste artigo o exemplo de dois textos clássicos que nos influenciam até hoje, a saber, o *Sofista* de Platão e a *Metafísica* de Aristóteles. Mostraremos como estes escritos apresentam o exemplo da unidade da Filosofia e da multiplicidade de suas teorias. O que está por trás desses argumentos, no entanto, é uma concepção hermenêutica de Filosofia, segundo a qual principalmente as questões filosóficas são dependentes da linguagem daqueles que com ela estão envolvidos.

Palavras-chave: Sofista. Platão. Metafísica. Aristóteles. Hermenêutica

A hermeneutic concept of philosophy: thinking with the Plato's *Sophist* and Aristotle's *Metaphysics*

Abstract: Anyone who works with Philosophy has been confronted with the difficulty of defining it. Even before the indications of those elements that characterize the unity of philosophy, we see that our detailed concept of it depends on philosophical theory which supports our thesis. In order to defend it, this paper will use the example of two classic texts that still influence us, namely the Plato's *Sophist* and Aristotle's *Metaphysics*. We will show how these writings have the example of the unity of philosophy and the multiplicity of philosophical theories. What is behind these arguments is a hermeneutic concept of philosophy according to which philosophical issues are dependent on the language of those who are involved with it.

Keywords: Sophist. Plato. Metaphysics. Aristotle. Hermeneutics.

Introdução

Seja como uma teoria “do ente enquanto ente” (Aristóteles), “do conhecimento válido” (Kant), “do espírito” (Hegel), “da interpretação da linguagem ‘originária’” (Gadamer), “da fundamentação da ação humana, autorreferencial” (Apel), “das estruturas universais do universo ilimitado do discurso” (Puntel), um “saber-fundamento” (Manfredo) ou uma “ciência formadora/edificante” (Rorty), em Filosofia se trabalha com princípios (não axiomáticos) e, como tal, a partir de uma teoria abrangente. Embora não se diga quase nada com isto, talvez esse seja o ponto de partida para aqueles que pretendem compreendê-la, uma vez que concordar com uma daquelas definições, sem de fato ter conhecimento do que ela significa, é fazer uma escolha aleatória de um dos modos de se fazer Filosofia, dentre outros possíveis.

Com isso, queremos dizer, em primeiro lugar, que a resposta à interrogação sobre o que é Filosofia, quanto mais determinada, mais é o reflexo de certa teoria filosófica e, portanto, ou ela é a

¹ Doutoranda em Filosofia pela PUCRS. Contato: vivianefilosofia@yahoo.com.br

reprodução de uma definição presente em uma teoria existente ou ela pode surgir a partir da transformação do que já se disse sobre ela em certa teoria, o que implicará também em uma modificação desta. Este último processo, no entanto, não ocorre por si mesmo. Ele depende não só da nossa formação teórica, mas também da nossa criatividade, das experiências que tivemos, dos nossos parceiros de diálogo e das nossas posturas éticas, ou melhor, de quem nós somos, enquanto fazemos teoria.

Em segundo lugar, estamos defendendo que os autores que afirmam que a principal preocupação da Filosofia passou a ser responder o que ela mesma é, apenas estão estabelecendo que a tarefa mais fundamental de quem com ela se ocupa é dizer, antes de tudo, qual é a teoria filosófica na qual se apoia ou que defende. Dizemos isso porque concordamos que a Filosofia é, dentre outras coisas, uma teoria que implica em uma reflexividade, isto é, ao realizar o seu trabalho, o filósofo precisa descobrir quais são as condições que permitem que ele o faça. Quem faz Filosofia termina mostrando, com sua própria teoria, o que ela mesma é, seja diretamente ou indiretamente.

Defendemos essas ideias, em parte porque as apreendemos de certa tradição filosófica e do paradigma hermenêutico: para chegarmos até uma definição do que seja a Filosofia, já precisamos ter nos familiarizado com a história de certos conceitos, aprendido a argumentar de certo modo e estar munidos de uma teoria. Ademais, na medida em que dermos prosseguimento a esse processo, ampliando a discussão em torno daquilo com o qual nos ocupamos e tentando nós mesmos modificar o nosso modo de argumentar e o alcance daqueles conceitos – ao tê-los recebido de certo modo e destinado a eles determinado sentido –, terá surgido, assim, uma teoria distinta daquela, bem como um posicionamento ante a pergunta sobre o que é a Filosofia. A ausência de um desses processos talvez seja a principal razão porque muitas pessoas possuem dificuldade em definir tal saber.

O certo é que não há teorias filosóficas que se perpetuem, nem uma definição precisa do que seja a Filosofia em todo o caso. Contudo, há uma concordância quase geral do que ela seja, quando tal definição é feita em linhas gerais, mesmo que, assim, ainda quase nada seja dito sobre ela. Há, em outras palavras, uma unidade da Filosofia, a partir da qual surgiram e continuam surgindo diversas correntes filosóficas. Essa unidade pode ser expressa nos seguintes termos: 1) a Filosofia depende da linguagem herdada da tradição e da história de seus conceitos, que podem ser atualizados na medida em que certas questões nos preocupam mais ou novos problemas surgem das nossas experiências no mundo, isto é, ela é *histórica*; 2) ela é *um saber que pressupõe uma reflexão*; 3) a Filosofia é *completamente teórica* e, como tal, depende principalmente da criatividade e do diálogo daqueles que com ela estão envolvidos; 4) ela é *composta por problemas próprios*, oriundos de certas relações que os seres humanos estabelecem no mundo e cujas respostas estão sempre comprometidas com uma situação.

1 Pensar com o Sofista de Platão

O que a tradição nos mostra é que este exercício de tentar definir a Filosofia, mesmo que em termos gerais, converte-se em uma “tarefa primeira”. Se retrocedermos no tempo para pensar juntamente com dois filósofos que exerceram grande influência na história da filosofia, como foram Platão e Aristóteles, veremos que justamente quando eles buscam falar do(s) princípio(s) que tornaria(m) toda a realidade, e o nosso discurso sobre ela, possível, eles também se preocupam em definir a Filosofia. O motivo disso é que ela, por *razões especiais*, seria a única a tomar esse tipo de problema em suas reflexões. Ademais, tais razões são postas juntamente com a discussão em torno desse(s) tipo(s) de princípio(s). Temos como exemplo disso o que foi realizado no *Sofista* de Platão e na *Metafísica* de Aristóteles, textos que possuem uma particular relevância para nós. Podemos até arriscar afirmando que é porque a Filosofia desde sua origem teve a preocupação com questões genuinamente teóricas e de caráter mais abrangente, que ela termina por ter que incluir a si mesma na sua reflexão, isto é, dizer o que ela mesma é.

Quando Platão quis preservar uma ideia de ser, de um princípio ou de uma “estrutura” de toda a realidade, ele estava preocupado, por um lado, em manter vivo algo que parecia estar abalado pela defesa sofística de um real meramente contingente, e, por outro, em delimitar o tipo de ciência (*episteme*) que é a Filosofia. Em o *Sofista*², ele busca fazer uma distinção entre a concepção filosófica (dos eleatas Parmênides e Antístenes), que procura dizer o ser, e a concepção sofística de discurso (dos sofistas Górgias e Protágoras), que não vê nisso um problema, uma vez que acredita que tudo que já se diz sobre ele é o que ele mesmo é. Platão faz isso justamente para defender que somente aquela é capaz de descrever tanto o que subjaz a realidade, como o que constitui o verdadeiro discurso filosófico.

O Estrangeiro (Platão), personagem principal do *Sofista*, procura entender, então, por que razão os sofistas afirmam que a questão do ser não deve constituir um problema e, assim, defendem que tudo que se diz sobre ele é válido, estando o discurso sobre o ser sujeito a uma espécie de padrão relativista da linguagem³ e havendo, portanto, a impossibilidade de tratá-lo em termos de um princípio último ou de uma verdade absoluta.

Em primeiro lugar, Platão não toma o sofista por um ignorante. Para aquele, não é por acaso que este é confundido, muitas vezes, com o filósofo. O sofista tem uma resposta para a questão do ser, a saber, de que ela é irrelevante. O próprio filósofo, mesmo entendendo o ser como a razão pela qual toda e qualquer coisa é, sempre que pergunta pelo ser, vê-se diante de impasses, aporias⁴. Entretanto, a despeito disso, ele continua se preocupando com essa questão, não só porque eliminando a ideia de ser concordaria que o real é meramente contingente, mas também pelo fato de que ignorando a ideia da

² Cf. PLATON. *Sophistes*. Griechisch-deutsch. Kommentar von Christian Iber. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2007.

³ Cf. SOUZA, Eliana Christina de. *Discurso e Ontologia em Platão: um estudo sobre o Sofista*. Ijuí: Editora Unijuí, 2009, p.17.

⁴ Cf. PLATON. *Sophistes*, p.97.

existência de um princípio último nos retiraria a chance de qualquer *diálogo*, isto é, impediria que chegássemos a qualquer acordo sobre o que as coisas são.

Para o filósofo, deve haver uma relação objetiva entre o plano ontológico e o plano do discurso, para que seja possível falar algo verdadeiro sobre as coisas e, portanto, não se pode eliminar a questão do ser. No entanto, a solução para certos impasses, oriundos desse tipo de pergunta, certamente não surgirá daquela tese sofística, uma vez que admiti-la seria o mesmo que afirmar que o *ser* pode também *não ser*. O Estrangeiro, contudo, chega à conclusão de que o *não ser* existe, mas de que forma? No plano do discurso, mas não no plano ontológico. Essa é a solução encontrada pelo filósofo, para responder por que razão existe erros, opiniões falsas, imitações, imagens de coisas (que embora não sejam a própria coisa não são de todo falsas), isto é, por que o *não ser* existe e o *ser* pode, de algum modo, não existir.

Em outras palavras, Platão chega às seguintes conclusões: 1) não é absolutamente mais fácil esclarecer a natureza do *ser* do que a do *não ser*⁵; 2) há o *ser* em si mesmo (no plano ontológico), do qual *participam* todas as coisas e seres, mas que não é nem um ser em particular nem todos em seu conjunto; 3) as ideias sobre as coisas constituem seres⁶ (no plano do discurso), que podem corresponder ao próprio *ser* das coisas ou constituir *outro* que não o seu *ser*⁷, isto é, combinar-se devidamente ou indevidamente; 4) na medida em que não há uma combinação devida, ou melhor, em que as coisas *participam* do *ser*, mas representam *outro* que não o *ser*, o discurso é perpassado pelo *não ser*; 5) o filósofo é aquele que sabe distinguir as combinações possíveis e se interessa por fazer isso; 6) conclusão: o discurso, como aquele que não é o próprio ser das coisas, mas que também depende do *ser*, está suscetível à falsidade, ao erro, a uma mera imitação, visto que pode combinar os seres de maneira indevida. “O enunciado falso atribui, a um tema, coisas que são, mas que são outras com relação a ele. Estas coisas outras são, pois, embora não sejam predicados verdadeiros do tema do enunciado, são predicados que podem ser aplicados a outro ser”⁸.

Quando Platão sugere que o *não ser* não é o oposto do *ser*, mas que ele é um dos diversos seres que participam do ser, ele diz uma coisa fundamental: que ao proferirmos um discurso filosófico, devemos ter um olhar constantemente voltado para o que as coisas são e para o modo como nos relacionamos com elas, se quisermos preservar a possibilidade de aceitação do nosso discurso. O discurso do sofista, de um modo geral, é aceito pela maioria, porque ele sabe imitar o filósofo⁹, isto é, toma para si alguns problemas filosóficos e utiliza uma linguagem filosófica sem ter o compromisso de rebater as objeções que lhe fazem, não dando de fato abertura para o diálogo.

Vemos que a filosofia (ontologia) de Platão dependia da resposta por ele dada com relação à questão do ser, bem como da própria escolha dessa questão. Pensamos que, também por essa razão, os

⁵ Cf. PLATON. *Sophistes*, p.103.

⁶ Cf. PLATON. *Sophistes*, p.139.

⁷ Cf. PLATON. *Sophistes*, p.145.

⁸ SOUZA, Eliana Christina de. *Discurso e Ontologia em Platão*, p.163.

⁹ Cf. PLATON. *Sophistes*, p.173.

filósofos, em toda a história da filosofia, sempre tiveram que se dar conta do que estavam fazendo, do sentido do seu discurso, antes, durante e depois do desenvolvimento de suas teses. Onde começa e onde termina os limites da Filosofia é algo que depende também do que se entende por ela, do que se pretende com ela e do quanto se está disposto a *dialogar* sobre tais escolhas.

Se o sofista, de algum modo, estivesse disposto a argumentar em prol da sua concepção de Filosofia e a rebater as refutações que a ela foram feitas, pensamos que ele poderia ter tido condições de ser considerado “filósofo”. Afirmamos isso porque hoje já se mostrou que há discursos apoiados em certa teoria, que não dependem da defesa da ideia ontológica de um fundamento último ou da tese de que as coisas possuem um sentido que subsiste por si mesmo, e são válidos. Mesmo um filósofo como Aristóteles, que também possui como preocupação maior a busca de um princípio último que seja responsável por tudo o que existe e por todo o movimento, já apresentava aquela questão, que seria segundo os antigos a mais importante da Filosofia, em outros termos.

2 Pensar com a *Metafísica* de Aristóteles

Na *Metafísica*, Aristóteles concorda com a tese de Platão de que a discussão do sofista gira em torno do *não ser*, mas isso ocorre não porque ele esteja de todo errado, mas por tratar apenas de um dos modos como o ser pode ser dito, sem fazer referência, e até mesmo ignorando, o *ser enquanto ser*. Segundo Aristóteles o ser possui muitos significados que podem ser expressos por meio de atributos ou das causas do *ser enquanto ser*, a saber, a causa formal, a causa material, a causa motora e a causa final. Se, por um lado, os sofistas somente tratavam do *ser* como *acidente*, sobre o qual não pode haver nenhuma ciência (*episteme*), por outro lado, Platão, mesmo fazendo referência ao *ser enquanto ser*, somente pensou o *ser* como *forma* e como *matéria*¹⁰.

Aristóteles, no fundo, deu continuidade ao projeto filosófico de Platão, mas a sua tese de que o ser pode ser dito de múltiplos modos, não somente o fez pensar quais seriam os outros modos em que o ser poderia ser dito, mas também o levou a modificar sua concepção a respeito do *ser enquanto ser*. Primeiramente, ele o chamou de *substância*, não apenas querendo mudar um nome, mas com o intuito de mudar o seu significado fundamental. Segundo ele, o que torna possível falarmos em termos de “ser”, enquanto acidente ou algo permanente, não é a participação das coisas de um *ser* em si mesmo delas dissociado, mas tal *ser enquanto ser* ou substância seria algo imanente às próprias coisas. Falamos delas em termos de “ser” ou de “unidade” pelo simples fato de que do *ser* se predicam todas as coisas e porque este predicado é algo uno, determinado. No entanto, a substância não é um predicado particular ou universal, mas aquilo que está presente de forma *imanente* e enquanto *ato* em todas as coisas.

¹⁰ Cf. ARISTÓTELES. *Metafísica*. 2.ed. vol.II. Trad. Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 2005, p.39.

Se o *ser enquanto ser* não for imanente às coisas, haverá necessariamente uma multiplicação de realidades: aquela do *ser* em si mesmo, do *ser* real sujeito à multiplicidade, depois de um *ser* que ligue esses dois níveis ontológicos, e assim sucessivamente. Essa questão gera muitas controvérsias porque se, por um lado, o *ser enquanto ser* é aquilo que a Filosofia busca, ou melhor, a *filosofia primeira*, como a chama Aristóteles, por outro lado, falamos dela muito mais através de seus atributos e causas, uma vez que ela mesma, enquanto princípio último, nunca pode ser *demonstrada*.

Ao tomar a substância como o fim de sua ciência, o que o filósofo faz é buscar uma espécie de constante em meio à multiplicidade de eventos que presenciamos diariamente, sem cuja referência nos veríamos diante de uma tarefa infinita e nunca chegaríamos a conhecer as coisas. Em outras palavras, o filósofo tem como fim de sua ciência a busca pela *verdade*¹¹, e esta termina funcionando também como uma espécie de referência que não nos obriga a mudar de opinião cada vez que um novo evento surge. É como se substância e verdade, para além de sua existência e definição, também servissem como algo regulador do nosso discurso e garantidor da possibilidade do diálogo. Se Aristóteles, por um lado, estipula o princípio da não contradição¹² como aquele que é o mais seguro de todos, por outro lado, mesmo nos servindo deste princípio, parece que a verdade não está assegurada para o nosso discurso. Seria encontrar a “verdade absoluta”, e, assim, a segurança total ao determinar uma coisa, chegar a um entendimento absoluto sobre a substância. Desse modo, o filósofo estaria mais próximo da verdade por tomar como problema a questão da substância e o que a ela está relacionado¹³, mas nunca seria propriamente detentor da verdade: esta é o que aquele busca e por tomar esse caminho ele estará em melhores condições de argumentar em um nível puramente teórico.

Quando Aristóteles chama a ciência que busca o *ser enquanto ser* de *filosofia primeira*, a qual depois passou a ser conhecida como *metafísica*, pensamos que ele também queria definir o sentido primeiro da Filosofia. Certamente nem Platão nem Aristóteles considerariam que a questão do *ser* é a única da Filosofia. Talvez diriam que ela é a mais geral (menos determinada) e a mais difícil (controversa). Além disso, ela também serviria como um ponto de referência para distinguir a Filosofia das outras ciências (teóricas), como a física. Se esta trata das mudanças, a *filosofia primeira* trata justamente do que permanece idêntico mesmo com a mudança¹⁴: a substância. É como se, como diz Aristóteles, entre as partes da Filosofia houvesse a necessidade de que uma fosse primeira e outra segunda. Isso para nós, contudo, representa apenas um modo de se fazer Filosofia para o qual para todos os que dela se ocuparam com dedicação se voltaram, mas representa também aquilo que nela há de mais geral, quer seja: 1) quando fazemos Filosofia nos ocupamos com teoria; 2) buscamos as razões primeiras que justifiquem porque as coisas são de um modo e não de outro; 3) nos preocupamos com a verdade, assumindo a tarefa de manter os discursos coerentes e assegurar o

¹¹ Cf. ARISTÓTELES. *Metafísica*, p.73.

¹² ARISTÓTELES. *Metafísica*, p.143: “É impossível que a mesma coisa, ao mesmo tempo, pertença e não pertença a uma mesma coisa, segundo o mesmo aspecto”.

¹³ Cf. ARISTÓTELES. *Metafísica*, p.161

¹⁴ Cf. ARISTÓTELES. *Metafísica*, p.15.

diálogo; 4) não tendemos a aceitar teorias que não tenham uma argumentação concisa, ligada a certo(s) princípio(s) e que tenham passado por um processo de refutação.

Conclusão

Fica nítido, portanto, que Platão, no *Sofista*, não estava meramente preocupado em pôr em questão aquilo que outros defendem (os sofistas), nem Aristóteles, na *Metafísica*, estava simplesmente criando um manual de conceitos e de descrição de categorias. Dentre outras coisas, estes textos trazem os problemas com os quais os filósofos se deparam constantemente: a necessidade de ouvir razões opostas para poder julgar melhor, o dilema entre a verdade e a contingência, as múltiplas formas que os problemas filosóficos podem ser tratados, a utilização de um discurso que não implica em uma intervenção direta sobre as coisas no mundo e etc. Se defendemos que a definição deles do que seja Filosofia esteja um tanto equivocada, isso se deve porque discordamos de suas teorias e nos preocupamos com outros problemas filosóficos.

No entanto, sempre vale a pena retornar ao início da Filosofia, uma vez que ali nos damos conta de como o universo do nosso discurso filosófico é amplo, de como fazer Filosofia significa enxergar e fazer outros verem de um modo diferente do que viam antes e, por fim, de como, por mais que tenhamos boas ideias, não podemos negligenciar em Filosofia a sua história, isto é, aquilo a partir do qual podemos apreender a sua unidade. Por outro lado, não faz sentido ensinarmos Filosofia como se ela fosse tal qual Platão ou Aristóteles, por exemplo, definiram-na. Em outros termos, é bastante ininteligível para quem deseja entender o que significa fazer Filosofia, receber apenas uma informação histórica da teoria mais conhecida de certo filósofo, ou seja, a definição do que seja Filosofia dada por uma corrente histórica, dentre outras.

Com a história da filosofia, podemos perceber, dentre outras coisas, o que há de mais geral na Filosofia e que faz com que aquilo que foi dito pelos gregos ainda tenha conexão com os problemas filosóficos atuais. Muitas das perguntas filosóficas permanecem atuais porque suas respostas dependem, em grande parte, dos códigos linguísticos dos quais nos servimos, modificando-se juntamente com eles. Num tempo em que o saber é acessível a um número cada vez maior de indivíduos, mas que tal saber é amplamente orientado pelo modo de fazer de certas ciências empíricas, faz muito mais sentido entendermos o porquê desse fenômeno, analisarmos se o que chamamos de o “fazer filosófico” traz outro tipo de saber distinto daquele e, caso afirmativo, que tipo de saber seria esse e como ele se relaciona com as outras ciências empírico-analíticas. Esse seria mais um caminho para entendermos o que é, afinal, Filosofia e quais seriam as ressonâncias de certa teoria filosófica em nosso tempo.

Referências bibliográficas

- PLATON. *Sophistes*. Griechisch-deutsch. Kommentar von Christian Iber. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2007.
- SOUZA, Eliana Christina de. *Discurso e Ontologia em Platão: um estudo sobre o Sofista*. Ijuí: Editora Unijuí, 2009.
- ARISTÓTELES. *Metafísica*. 2.ed. vol.II. Trad. Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 2005.